

ARTIGO

Redução de danos e arte no fluxo da Cracolândia

Harm reduction and art in the Crackland flow

Marcel Segalla Bueno Arruda^I, Amanda Gomes Viana^{II}, Thais de Oliveira Lima^{III}, Tamires Campos Estevam^{IV}, Ana Cláudia Lino^V, Pamella Rafaella Barbosa Vaz^{VI}, Natalia Aparecida dos Santos^{VII}, Camila Bruckmann^{VIII}, Hélio Roberto Braunstein^{IX}

Resumo

Este estudo analisa as intervenções em Redução de Danos (RD) na Cracolândia, entre março e dezembro de 2023. Ações produzidas pelo grupo de RD da Associação Cultural e Artística Birico, tematizando cuidado, atividades artísticas e práticas corporais. O grupo protagonista foi composto por estudantes universitárias em campo de estágio, de diversos cursos, contando também com a participação ativa de pessoas do território da Cracolândia. Foram feitas dezenas de oficinas, no fluxo da Cracolândia pondo em prática ações de RD, com brincadeiras, jogos populares, desenho livre, grafite, distribuição de água potável, kits de dignidade menstrual e frutas. Ancorada na saúde coletiva e na RD, a análise evidenciou um impacto fortalecedor dessas intervenções entre participantes, contribuindo para construção de acolhimento e vínculos, bem como para o acesso ao direito à saúde e lazer. Também é resultado relevante o impacto na formação profissional das pessoas envolvidas. Considera-se, por fim, que a experiência foi potente e contribuiu para o envolvimento comunitário na produção de cuidado, autonomia e protagonismo.

Palavras-chave: Cocaína crack; Redução de Danos; Drogas de abuso

Abstract

This study analyzes interventions in Harm Reduction (HR), in Crackland, between March and December 2023. Actions produced by the HR group of Birico Cultural and Artistic Association, focusing on care, artistic activities and physical activities. The protagonist group was made up of university students on internship, from different areas, also counting on the active participation of people from the Crackland. Dozens of workshops were held in the Crackland flow, putting HR actions into practice, with popular games, free drawing, graffiti, distribution of drinking water, menstrual dignity kits and fruits. Anchored in collective health and HR, the analysis showed a strengthening impact of these interventions among participants, contributing to the construction of acceptance and bonds, as well as access to human rights. The impact on the professional training of the people involved is also a relevant result. Finally, it is considered that the experience was powerful and contributed to community involvement in the production of care, autonomy and protagonism.

Keywords: Crack cocaine; Harm Reduction; Drug abuse

^I Marcel Segalla Bueno Arruda (marcel.arruda@usp.br) é doutorando na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Supervisor de campo de estágio em RD na Associação Cultural e Artística Birico.

^{II} Amanda Gomes Viana (amandagv1999@gmail.com) é graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP), Educadora Social e ex-estagiária de RD na Cracolândia pela Associação Cultural e Artística Birico.

^{III} Thais de Oliveira Lima (deolithais@gmail.com) é graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP). Atua com Arteterapia social e comunitária, além de psicologia social e políticas públicas. Atuou como estagiária de RD na Associação Cultural e Artística Birico.

^{IV} Tamires Campos Estevam (tamirescampos@usp.br) é graduanda em geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Ex-estagiária da Associação Cultural e Artística Birico.

^V Ana Cláudia Lino (anaclaudialino8@gmail.com) é graduada em psicologia pela Universidade Paulista (UNIP). Ex-estagiária da Associação Cultural e Artística Birico.

^{VI} Pamella Rafaella Barbosa Vaz (vazpamella@gmail.com) é mestranda em psicologia pelo IFCH da Universidade de Campinas (Unicamp). Integrante do Coletivo Tem Sentimento e ex-estagiária da Associação Cultural e Artística Birico.

^{VII} Natalia Aparecida dos Santos (nataliasnt97@gmail.com) é graduada em psicologia pela Universidade Paulista (UNIP). Educadora na educação integral. Ex-estagiária da Associação Cultural e Artística Birico.

^{VIII} Camila Bruckmann (camila.bruckmann@gmail.com) é graduanda em psicologia pela Faculdade das Nações Unidas, atuou como estagiária de RD na Associação Cultural e Artística Birico.

^{IX} Hélio Roberto Braunstein (helio.braunstein@gmail.com) tem pós-doutorado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP/USP). Professor titular e supervisor de estágios do curso de psicologia na Universidade Paulista (UNIP).

Introdução

Este texto toma por objeto o relato e a análise da experiência de um conjunto de intervenções em Redução de Danos (RD), no contexto do fluxo da Cracolândia paulistana. As intervenções ocorreram entre abril e dezembro de 2023, tendo como sede dos encontros o Teatro de Contêiner, onde fica a Associação Cultural e Artística Birico (Birico)¹, coletivo de artistas de dentro e de fora da Cracolândia que tem por objetivo potencializar produções artísticas e intervenções em RD. O grupo de protagonistas do processo foi predominantemente constituído por mulheres universitárias, comprometidas com uma formação humanizada e transformadora da realidade, sendo que todas as pessoas que assinam a autoria deste trabalho estiveram em campo no processo relatado aqui, junto a muitas outras, oriundas do fluxo da Cracolândia, e parceiros do território.

O objetivo geral foi construir um arcabouço de práticas de RD inscritas no campo das artes, no fluxo da Cracolândia.

A ideia de um campo de estágio em RD começa em março de 2023, quando foi planejado o seminário: “Cracolândia em emergência: caminhos e ações”, que ocorreu no final de abril de 2023 com a presença de mais de 130 pessoas voluntárias na organização². Na preparação desse evento, o docente da Universidade Paulista (UNIP), Hélio Braunstein, se aproximou da construção do evento e teve a ideia de criar um campo de estágio para sua turma na disciplina de psicologia social e comunitária. Foi feita uma reunião produtiva no Bar da Nice, ponto de articulação da rede de RD do território e, junto do Birico, foi encontrado o parceiro institucional adequado para a formação que buscava. Assim, no dia 27 de abril de 2023, chegaram as primeiras estagiárias que, junto do supervisor de campo, Marcel Segalla Bueno Arruda, passaram a reconhecer o território, estudar textos de referência para RD e organizar encontros formativos com pessoas, reconhecidamente de referência no campo da RD, do território da Cracolândia, como Leandro, Mirian, Agostinha, Thika, Rica, Carmem, Paloma, Lucca, Corinthiano, Claudinho, Laurah, Rai, Renatinho, Foguinho, Said, Mc Docinho, Dois Quinze e tantas outras.

Caminhos metodológicos

Aqui, toma-se como marco teórico-metodológico o campo do pensamento crítico em saúde latino-americana – a saúde coletiva³. Esse referencial contribui para a compreensão da determinação social do processo saúde-doença como fenômenos articulados em uma sociedade estruturalmente desigual.

A RD também é base teórica aqui, compreendendo que o tema das drogas:

(...) vem sendo abordado como questão comportamental pela psicologia, química pela farmacologia, de dependência pela psiquiatria. Ou seja, concepções funcionalistas que focalizam o indivíduo ou a droga, e colocam o usuário na condição de “desviante”, sendo a droga um artefato dotado de poder sobrenatural. No máximo o problema é tratado como sintoma de uma sociedade em desarmonia, desconsiderando os conflitos sociais. Ao tratar o consumo de drogas da perspectiva marxista, busca-se localizá-lo como um fenômeno que resulta das contradições sociais. Encara-se dessa forma o consumo prejudicial ou compulsivo como resultado das formas de trabalhar e viver, modeladas pelas formas capitalistas atuais de acumulação⁴.

A partir das considerações de Costa e Telles⁵ sobre RD, compreende-se também que o cuidado em RD busca não somente mitigar os danos associados ao uso de substâncias, mas também reconhecer e responder às necessidades individuais e contextuais de cada pessoa dentro de cada história de vida singular e única. Portanto, as ações devem ser feitas de maneira sensível às circunstâncias específicas de cada sujeito, levando em consideração seus valores, crenças e aspirações. Essa abordagem é coerente com os princípios éticos e humanitários da prática profissional na área das drogas, destacando-se por sua ênfase na autonomia do indivíduo e na valorização de sua dignidade. Além disso, é marco prático das experiências deste trabalho a escuta terapêutica e acolhedora.



Seu Yori, artista plástico da Cracolândia e associado do Birico. Na fotografia, suas pinturas em tacos de madeira e materiais recicláveis são expostas.

Foto: Luca Meola.

O trabalho de campo⁶ teve início em intervenções semanais na Cracolândia protagonizadas pelo grupo de estágio vinculado ao Birico, composto por estagiárias de diversas áreas, a princípio Psicologia, mas depois foram incluídas também Ciências Sociais e Geografia.

Dada a imprevisibilidade da Cracolândia, nos primeiros meses foram observadas pacientemente as necessidades relatadas pelas pessoas. Essa abordagem visava uma aproximação respeitosa do cotidiano das pessoas que habitam a região, negando as práticas de pseudocuidado⁷ e permitindo o estabelecimento de vínculos que possibilitassem a escuta atenta do campo da RD. Buscou-se estabelecer relações horizontais, afastando posturas hierarquizadas, detentoras de conhecimento ou perspectivas clínicas individualistas e estigmatizantes. Nesses marcos, foram desenvolvidas oficinas de arte, jogos e práticas corporais, bem como, foram feitas profundas conversas individuais e coletivas.

A criação das oficinas como método de intervenção em RD considerou as diversas experiências compartilhadas pelas pessoas da Cracolândia, ao longo de meses de interação explicada com inovadoras teorias⁸.

Experiência

Oficinas de artes, jogos e brincadeiras populares ou como fazer RD, junto e misturado

A partir de agosto de 2023, após o reconhecimento do território, estudos sobre RD e a construção de vínculos sólidos, passou-se ao planejamento coletivo de ações de RD com porte coletivo, na rua. Com apoio do Birico para a compra de um carrinho para transporte de galões de água, todas as ações partiam de um ponto

inicial que era a hidratação, pois era uma necessidade urgente e recorrente trazida pelas pessoas com as quais construímos vínculos no território. Para testar começamos a propor o mais simples, junto com pessoas do fluxo da Cracolândia, e iniciamos atividades de arte com desenho livre com lápis, papel sulfite, uma mesa e quatro cadeiras. O resultado foi surpreendente, pois, após alguns minutos, o que esperávamos que fossem desenhos, se tornaram jogos da velha e, a partir daí, mais pessoas começaram a se envolver, ainda que desconfiadas de um grupo pouco conhecido e de pessoas com perfil bastante jovem. Ao final dessa primeira oficina narrada foi feita uma avaliação, que levou à decisão de conectar arte a jogos e brincadeiras populares. Passou-se, assim, à preparação com elementos simples, como dominó, giz, spray, papel kraft e corda, que foram extremamente úteis em todas as atividades e criaram uma marca para as ações de RD do grupo.

Conforme as oficinas aconteciam, muitas conversas eram feitas, muitas histórias contadas e potentes vínculos construídos. Quem participava, avaliava e sugeria novidades, as quais eram prontamente atendidas, sempre que possível, na oficina seguinte, o que produzia uma coesão para o grupo devido à correspondência de expectativas construídas. Em uma oficina de setembro, levamos piteiras de vidro doadas, como tática de RD para diminuição do risco de queima de lábios. Ao ser travada uma boa conversa com um grupo de mulheres

sentadas no chão da Cracolândia, foi sugerida a ideia de kits de dignidade menstrual. Após a avaliação, no mesmo dia ficou decidido coletivamente que seria um passo importante concretizar essa proposta e, por meio de doações de parceiros (absorventes), recursos do Birico (calcinhas) e insumos do Sistema Único de Saúde (SUS), foram produzidos os kits.

No dia da montagem dos kits, algumas mulheres trans, do Coletivo Tem Sentimento, se aproximaram e sugeriram que seria muito interessante para a população da qual fazem parte que houvesse kits com calcinhas que comportassem também genitália externa (para pessoas que não menstruam). Acolhendo essa demanda, foram compradas do Coletivo Tem Sentimento calcinhas para genitália externa e montados kits que foram muito bem recebidos no fluxo da Cracolândia. Essa foi a primeira vez na história da Cracolândia que uma ação desse tipo foi feita, segundo o relato das mulheres beneficiadas pelos kits. Essa experiência contribuiu decisivamente para que o grupo de RD fosse promovido a um lugar confiável para esse grupo social específico, que passou a integrar com mais frequência e contribuir para as oficinas.

Nas oficinas sempre funcionou desenhar com giz, no asfalto, várias amarelinhas de diversos tipos. Pular corda também pareceu uma brincadeira extremamente potente, bem como as latas de spray que desenhavam sobre o papel kraft que se desenrolava cortando o cruzamento da rua dos Protestantes com a rua dos Gusmões.



Duas fotografias ilustrativas das oficinas de jogos e brincadeiras populares. Na da esquerda, pessoas brincam de pular corda. Na da direita, um trecho de uma amarelinha na qual o último estágio está escrito "Cracocity" e "Boca do lixo", outras duas denominações correntes para nomear o território da Cracolândia.

Foto: Joao Leoci.

Por fim, no dia sete de dezembro de 2023, foi feito o encerramento das atividades no ano, com ensaio da “Nossa Bateria”, uma bateria de escola de samba constituída por pessoas do fluxo e distribuição de frutas (demanda recorrente trazida pelas pessoas do fluxo da Cracolândia que afirmavam que as marmitas dispensadas, *in loco*, pela Secretaria de Assistência Social, não continham nunca o item desejado). Foram comprados mais de 100 kg de frutas frescas com apoio financeiro do Birico, sendo distribuídas livremente, de maneira organizada e acolhedora, constituindo uma verdadeira festa, um momento muito prazeroso para todas as pessoas envolvidas ao longo do ano. No asfalto da Cracolândia, no meio do fluxo, uma confraternização de fim de ano, com frutas, água, jogos e arte sem qualquer tipo de conflito ou desgaste, de fato, foi um dos momentos mais potentes na produção de cuidado já vivido por esse grupo.

Análise

Interseccionalidades e sobrevivência

As oficinas de RD foram realizadas “*no fluxo, com o fluxo e para o fluxo*”, como bem definiu R., o participante de uma delas. Portanto, fora do setting institucionalizado/clínico de serviços de cuidado, objetivando sempre a construção horizontal de autonomia e respeito junto às pessoas que constituem a Cracolândia.

Com isso, foram possíveis diversas experiências ao longo das ações que fizeram o grupo refletir, especialmente acerca da desproteção social das mulheres, sobretudo negras, em situação de rua. Em nossas oficinas, havia a presença frequente de M., que se autoidentifica: “*uma mulher preta e livre*”. Ela descreveu detalhadamente como as intersecções de gênero, classe e raça acentuam ainda mais as experiências de desgaste de pessoas socialmente desprotegidas⁹. Isto é, nessa sociedade, é possível reconhecer que as dificuldades vivenciadas por uma mulher trans ou cis diferem drasticamente das experienciadas por um homem, é claro, mas na Cracolândia esse fenômeno é especialmente cruel e gritante, expondo as mulheres, pretas e em situação de rua, a uma multiplicidade

de perigos e desafios que corroem sua dignidade e bem-estar de forma ainda mais perturbadora.

M. sempre compartilhou as dificuldades de sua sobrevivência, contando que ela preserva e, por vezes, customiza peças de roupa para expor e vender como a sua arte. Isso não é apenas uma forma de ganhar dinheiro, mas também um testemunho dos desafios que permeiam sua existência em meio à desproteção social. Ela revelou, ainda, a constante ameaça de violência e exploração, muitas vezes perpetrada pela Guarda Civil Metropolitana (GCM), que não hesita em retirar seus artefatos e documentos violentamente. Para isso, M. compartilhou a necessidade de adotar uma postura agressiva como mecanismo de autodefesa contra os perigos que rondam seu dia a dia.

Como uma mulher jovem, negra e em situação de rua, dormir à noite a expõe a um medo constante de se tornar vítima de violência sexual. Segundo levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), foram 1.463 vítimas de feminicídio em 2023, no Brasil, ou seja, 1,4 mulheres mortas para cada grupo de 100 mil, colocando o país entre os mais perigosos do mundo para a existência de mulheres¹⁰.

Arte como mote para RD, não insumo, mas um caminho complexo

Durante as vivências na Cracolândia, considerando as complexidades das intersecções envolvidas, observou-se a valorização da arte como recurso terapêutico e expressivo das violências vividas, bem como de oportunidade de geração de renda. Essa perspectiva foi destacada durante diálogos com M. e Rp., que manifestaram interesse em atividades artísticas e práticas corporais e, por meio das oficinas, respondeu-se a essa necessidade que abriu caminho para a construção de vínculos com diversas pessoas que vivem no local. Isso criou espaço seguro para que a maioria dos sujeitos pudesse sentir uma perspectiva mais humanitária e abertura para se expressar sobre si, proporcionando um espaço para discussões sobre sentimentos, ideias e experiências de vida. Além disso, ratificou-se a necessidade de incluir o acesso

à água potável nas oficinas, dada à falta de acesso dos habitantes a esse recurso básico, especialmente considerando as condições climáticas adversas e a necessidade de hidratação, principalmente ao longo das práticas corporais.

Portanto, apesar do processo se iniciar com o mote da arte e esta, por vezes, cumprir um papel de aparente correspondência com um insumo de RD (seringa, agulha, preservativo, etc), como na primeira onda, nos anos 1980/1990¹¹, na prática, o que se percebe, por outro lado, não é isso, mas sim parte de um complexo sistema de pensamento crítico, teórico e prático para transformação da realidade em um contexto particular, a Cracolândia, à luz dos direitos humanos. Assim, tanto a arte quanto a escuta, a troca de sorrisos, o copo de água, o preservativo, o abraço, o lubrificante e tudo mais são parte imprescindível de uma complexa intervenção, não podendo ser reduzida ao pragmatismo de um início, meio ou fim, compondo um caminho complexo e contraditório, uma linha de cuidado em RD, singularizada e consciente do seu posicionamento no mundo capitalista.

Água e o impacto das mudanças climáticas

A crise climática tem um impacto desproporcional para as pessoas em situação de rua, exacerbando os desafios que elas já enfrentam diariamente. De acordo com um estudo da Fiocruz, essa população está particularmente desprotegida quanto aos efeitos adversos das mudanças climáticas, devido à falta de moradia adequada, acesso limitado a recursos básicos e à exposição constante a inúmeras violências¹².

Ao considerar a situação na Cracolândia, em São Paulo, pelas experiências obtidas, é possível identificar um ambiente no qual as condições de vida são extremamente precárias, e que a falta de políticas públicas se amplifica com a intensificação de eventos climáticos extremos, como ondas de calor, tempestades e consequentes inundações. Em dias de altas temperaturas, a distribuição de água potável feita pelo grupo de RD, que armazenava a água em

galões em um carrinho, foi uma ação muito bem recebida, formando-se filas para acessar esse recurso básico por aqueles que vivem o risco de hipertermia, desidratação, queimaduras de pele e pés, devido à falta de calçados.

Dessa forma, a exposição contínua a eventos climáticos extremos e a sensação de desamparo, em um contexto de vidas marcadas pela violência, parecem contribuir para o agravamento do sofrimento em todos os sentidos. Embora ações como a distribuição de água potável em dias quentes pelo grupo de RD representem uma resposta aos momentos de crise imediata, essas iniciativas são pontuais e insuficientes, diante da irresponsabilidade do Estado em adotar medidas que contemplem as necessidades dessas pessoas.

Considerações finais

Inicialmente, as pessoas do território tinham a preconceção de que as estagiárias do grupo de RD exerceriam uma abordagem medicalizante e patologizante. Todavia, à medida que se desenvolveram as intervenções em RD no local, construindo relações horizontais, se afastando do lugar de detentoras do conhecimento, evitando a estigmatização e uma visão clínica individualista, potentes vínculos foram formados, fertilizando o solo do cuidado.

Nesse solo, cresceram as oficinas de artes, jogos e práticas corporais como mote da estratégia de RD. Assim, pular corda, jogar dominó, pular amarelinha, desenhar no chão, são alguns exemplos de momentos de expressão, fortalecimento comunitário, além de resgatar memórias afetivas de infância. Isso representa um aspecto crucial no contexto de uma população que, muitas vezes, teve sua infância marcada por adversidades e privações, impedindo a vivência plena de atividades lúdicas e de lazer. Todas as pessoas saem desse processo muito mais bem formadas em RD do que quando entraram, cuidados foram prestados e amizades feitas. Esses laços duram e, no fim das contas, parecem ser o mais importante produto das intervenções em RD construídas coletivamente.

Referências

1. Sato F. Birico Arte. Artistas vendem seus trabalhos para fortalecer ações sociais na Cracolândia. *Jornalistas Livres* [internet]. 2020 [acesso em 4 abr 2024]. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/birico-arte-artistas-vendem-seus-trabalhos-para-fortalecer-as-acoes-sociais-no-territorio/>
2. Moradia e espaço de uso são propostas de movimentos para a Cracolândia. UOL [internet]. [acesso em 4 abr. 2024]. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2023/05/11/moradia-e-espaco-de-uso-sao-propostas-de-movimentos-para-a-cracolandia.htm>
3. Soares CB, Campos CMS, Leite ADS, Souza CLLD. Juventude e consumo de drogas: oficinas de instrumentalização de trabalhadores de instituições sociais, na perspectiva da saúde coletiva. *Interface (Botucatu)*. 2009;13(28):189–99.
4. Arruda MSB, Soares CB, Adorno R de CF. Revisão bibliográfica: o consumo de crack nos últimos 20 anos. *Saúde Transform Soc Health Soc Change*. 2013;4(2):157–66.
5. Costa BAD, Telles TCB. O processo de escuta na redução de danos: contribuições de Rogers e Kierkegaard. *Phenomenol Stud. Rev Abordagem Gestáltica*. 2017;23(1):74–83.
6. Magnani JGC. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. São Paulo. 1996
7. Braunstein HR. Das instituições de pseudo cuidado, para uma educação e escola ética na perspectiva do cuidado, democrática e desenvolvente. *Rev Interfaces Educ*. 2015;6(18):165–77.
8. Pasquim HM, Souza HSD. Um modelo explicativo alternativo sobre o consumo de drogas: carta ao editor. *Interface (Botucatu)*. 2023;27:e220466.
9. Gonzales L. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. *Rev Ciências Sociais Hoje, Anpocs*. 1984;223-244.
10. Bueno S. Femicídios em 2023 [internet]. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024 [acesso em 4 abr 2024]. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/77f6dcce-06b7-49c1-b227-fd625d979c85>
11. Petuco D. As três ondas da redução de danos no Brasil. *Bis, Bol Inst Saúde*. 2020;21(2):94–103.
12. Galvão LA, Bezgrebelna M, Kidd S, Trindade-Lima N. Impactos da mudança climática nas populações em situação de rua após a pandemia. *Fiocruz* [internet]. [acesso em 4 abr 2024]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/impactos-da-mudanca-climatica-nas-populacoes-em-situacao-de-rua-apos-pandemia>